

HISTÓRIA DA COMUNICAÇÃO E DOS SEUS MEIOS: UM CONSTITUTIVO PEDAGÓGICO

Eixo 01 - Educação e Comunicação

Autor¹

RESUMO

Este artigo faz uma abordagem histórica da evolução da comunicação e de seus meios, desde os primórdios da oralidade até a era da internet. O objetivo é verificar os aspectos estruturantes da comunicação, dando ênfase a dimensão conceptual e pedagógica consoante a cada época e verificar como a escola lida com a comunicação e com os recursos tecnológicos no auxílio didático. Para tal, estar metodologicamente apoiado na pesquisa bibliográfica, onde foram levantados um conjunto de artigos científicos que discutem o uso de tecnologias na educação. A pesquisa, sinaliza, a comunicação como um processo interativo e evolutivo de significantes flutuantes, que só podem ser significados quando passam da enunciação a significação, que na configuração histórica, tem sido tecido por intencionalidades sociais, políticas e econômicas. No âmbito educativo, sublinha a relevância da comunicação para o desenvolvimento das potencialidades das habilidades e que, no entanto, as práticas pedagógicas têm dado pouca ênfase a comunicação, ao valorizar apenas os aspectos da escrita enquanto que os verbais têm ficado limitado a uma concessão nata. Aponta que nos poucos casos em que se tem usado os recursos tecnológicos como auxílio didático, os resultados foram eficientes. Sustenta, que é preciso maiores investimentos em políticas públicas que garantam o acesso universal à tecnologia da comunicação e formação de professores, para que possam explorar mais a tecnologia disponível como instrumento didático.

PALAVRAS-CHAVE: Educação, Comunicação, e Recursos tecnológicos.

ABSTRACT

This paper constructs a historical approach of the communication's development and its means, since the beginning of orality until the Internet era. The aim is to check the structural aspects of communication, emphasizing the conceptual and pedagogical dimension of each time, and analyze how the school handles the communication and technological resources. For that, the paper is methodologically based in the scientific literature, based on articles that discuss the use of technology in education. The research points out the communication as an interactive and evolutionary process of floating signifiers, which can only be meant when it passes from the enunciation to the significance, that the historical setting has been constructed by social intentions, political and economic. In the educational context, the paper underlines the importance of communication for the development of the potential skills. This importance of communication has given little emphasis by the pedagogical practices, given that these practices valued only the aspects of writing, while verbal have been limited. This article



14 a 16 de setembro de 2016
UNIT - Aracaju-SE

ANAIS | ISSN: 2179-4901

points out that in the few cases where it has used technological resources as a teaching tool, the results were effective. Therefore, it claims that it should have a greater investment from public policies in order to guarantee universal access to communication technology and teacher training, and explore more of the available technology as a teaching tool.

KEYWORDS: Education, Communication, and Technology Resources.

1 Introdução

A comunicação é um dispositivo que possibilita as relações sociais ao longo da existência humana, fluindo, segundo a exigência de cada época. Sua evolução, demanda, às pessoas, comunicarem bem a fim de enfrentar as mais variadas situações, seja qual for sua especificidade. A comunicação é um movimento circular que envolve no mínimo três atores: Emissor, mensagem e receptor, isto sugere, que comunicar não é tão somente um movimento de verbalização do pensamento, seja falado ou escrito. É antes, uma relação de partilhas recíprocas entre pessoas, cujo sentido converter-se-á em mensagem significada. Do contrário, toda significância ao não conseguir significasse, faz do significante um mero objeto de palavras enunciadas.

A literatura pesquisada, sinaliza que a escola tem priorizado pouco o uso e a importância da comunicação em sala de aula. Acreditando, que pelo fato das crianças já irem à escola falando, a oralidade “é aprendida espontaneamente e que, portanto, não necessita ser ensinada na escola; por outro lado, há a concepção de que as pessoas falam bem, ou não, porque são naturalmente aptas, ou não, a falar e que não é possível ensinar alguém a ser um “bom falante” (LEAL E GOIS 2012, P. 7).

Diante disto, este trabalho, faz uma breve caracterização da epistemologia da palavra comunicação, e sua conceptualização, e de sua evolução histórica. Passando pela escrita, pelo avanço dos meios de comunicação, pelo desenvolvimento da comunicação midiática, até seu uso na escola como recurso didático, no processo ensino/aprendizagem.

Estar apoiado metodológica na pesquisa bibliográfica, tendo em vista, que segundo Marconi e Lakatos (2003), a pesquisa bibliográfica, possibilita o pesquisador ter um contato direto a despeito do que foi escrito sobre determinada temática, também porque “tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vista a torná-lo mais explícito” Gil (2006, p. 41).

Foi feito, um levantamento histórico da comunicação, e seus meios, bem como sua utilidade. Também, teve a preocupação de fazer um breve levantamento das políticas públicas circundante em torno do uso dos recursos tecnológicos como instrumentos didático-pedagógicos, e como a escola tem lidado com a comunicação.

2. História da Comunicação, a evolução dos meios e o uso na educação

O termo comunicação, tem apresentado um sentido bastante abrangente, e pode variar segundo os sentidos e ocasiões. A cerca disto, Santos (2011), sublinha que segundo Martino (2008) estas diferenciações podem ser identificadas em vários dicionários. Contudo, sua raiz epistemológica vem do Latim:

communicatio, do qual distinguimos três elementos: uma raiz *munis*, que significa ‘estar encarregado de’, que acrescido do prefixo *co*, o qual expressa simultaneidade, reunião, temos a idéia de uma ‘atividade realizada conjuntamente’, completada pela terminação *tio*, que por sua vez reforça a idéia de atividade. (MARTINO, 2008, p. 12, APUD, SANTOS, 2011, P. 3)

Desde sua gênese, o conceito de comunicação implica numa dimensão bem mais alargada, do que simplesmente o ato enunciativo da fala. Deste modo, na oralidade “tanto o transmissor quanto o receptor da mensagem deveriam estar no mesmo contexto para partilhar saber” (SANTOS, 2011, P. 3). Que no avanço das atividades de produção e consumo, tem exigido uma evolução periódica da comunicação.

Num primeiro momento, temos a comunicação falada como único instrumento de negociação e estabelecimentos de relações, nos mais variados sentidos. Posteriormente, na era da escrita, a comunicação passou a ser usufruída dentro de um conjunto de regras manipuladas no tempo e no espaço Santos (2011). Hoje na era digital de comunicação, o autor sublinha que, com “a ampliação das possibilidades da internet, o hipertexto possibilita a quebra da linearidade, tornado cada um de nós também autores de nosso processo” (SANTOS, 2011, P. 3). A despeito desta evolução Gontijo (2004) diz que:

A história das comunicações evolui no mesmo trilho da história da humanidade. Pelo simples fato de que a última só existe porque de alguma forma foi relatada de pai para filho, de tribo para tribo, de cidade para cidade, de país para país por meio de indivíduos e de tecnologias que expandiram os recursos do corpo humano. Os meios de comunicação são extensões de nosso corpo, e suas mensagens, de nossos sentir e pensar. (GONTIJO, 2004, p. 11).

Assim, o autor amplia a noção de comunicação de ato enunciativo, para o do significativo. Deste modo, comunicação passa ser um dispositivo ideológico e simbólico estruturante na sociedade, que se configura como um processo circular, onde o enunciador assume duas posturas ao mesmo tempo, ele é “o indicador que domina as

situações por meio de ações imputáveis; ao mesmo tempo, ele é também o produto das tradições, nas quais se ancora, dos grupos solidários aos quais pertence e dos processos de socialização nos quais se cria (HABERMAS APUD ZIM E PESCE, 2010, P. 128). A cerca disto Vilalba (2006), sublinha que o comunicador responde a estímulos para poder interagir com o mundo exterior. Ou seja, a comunicação não é o processo de emissões de sons, é sim, um processo de (re) significação de significantes. Neste caso, o comunicador, se beneficia de instrumentos linguísticos e extralinguísticos para tornar significado sua intenção. Para tal, torna-se imperioso o uso dos meios disponíveis para comunicação, falada e escrita.

Nesta mesmo sentido, Sousa (2006) assume o conceito de comunicação como processo evolutivo e interativo. Onde num tempo remoto, da mais primitiva existência humana, a comunicação resulta da necessidade de associar os sons à objetos, dando-lhes, portanto, significado ao signo. “Assim nasceram os signos, isto é, qualquer coisa que faz referência a outra coisa ou ideia, e a significação, que consiste no uso social dos signos” Bordenave (1982, p.24), dando origem a linguagem.

2. 1. Comunicação Escrita

Do conjunto dos signos que representava as coisas, o homem começa a perceber que os sons emitidos para significação de tal coisa (objeto), eram enunciadas por fragmentos sonoros menores. Esta compreensão permitiu a criação de palavras e suas partilhas fonológicas. Segundo Perles (2007), antes do alfabeto ter a forma que tem hoje, passou por diversas transformações. Onde “Primeiro surgiram os silabários, que consistiam num conjunto de sinais específicos para representar cada sílaba chegando muito tempo depois ao alfabeto greco-latino” Perles (2007, p. 6). Ainda assim, segundo o mesmo autor, a cultura passou séculos sendo transmitida oralmente. A tal ponto, que na Idade Média, o povo não tinha acesso a cultura escrita, exceto os monges e um minúsculo número de pessoas letradas. Ainda segundo Perles (2007), a comunicação escrita e os suportes textuais passaram por processos de transformações ao longo da história, como foi o caso do papel, “inventado pelos chineses, substituiu as superfícies de pedra, os papiros e os pergaminhos de couro, então utilizados para a escrita” (IDEM). Esta transformação ganha maior relevo a partir do surgimento da imprensa a partir de 1438 e 1440 criado pelo Alemão Gutenberg.

A cerca disto, Perles (2007) diz que o uso da imprensa possibilitou não só a publicação de livros em grande escala, mas também possibilitou o surgimento do jornal. Dando-se então, o primeiro passo da ampliação e “democratização” a escrita. O autor sustenta que a tipografia criada por Gutemberg é considerada a gênese da comunicação de massa. Uma vez que se tornou de fato, o primeiro instrumento capaz de ampliar as possibilidades de ideias a partir de uma única fonte (meio). Com este instrumento a disposição, o criador (Gutemberg) “produziu cerca de 300 exemplares da Bíblia divididos em dois volumes” Perles (2007, p. 7). Que em grande medida passa ser importante para o clero, que logo passa a imprimir seus textos eclesiásticos e teológicos. Ao mesmo tempo, torna-se um paradoxo, ao “democratizar” a publicação de bíblias que mais tarde torna-se um forte dispositivo para as difusões luteranas e calvinistas Perles (2007).

2. 2. Um breve histórico da comunicação midiática e sua evolução no Brasil.

Notadamente, a evolução comunicativa tanto na oralidade como na escrita foi ampliando a proliferação das informações e o acesso a mesma. Deste modo, novos modelos de comunicação mais sofisticados e democráticos foram surgindo.

Nos primórdios da famosa era da imprensa, foram criados os jornais como suporte de grande circulação de textos. A título de datação a “associação mundial dos jornais aceita como verdadeira as evidências de que o primeiro jornal do planeta tenha sido o Relationen, produzido por Johann Carolus, em 1605” Perles (2007, p. 8).

No Brasil, o primeiro jornal foi o correio Brasiliense, onde seu primeiro lançamento foi datado de 1 de junho de 1808, cuja impressão era feita em Londres, visto, que a coroa portuguesa impedia a existência de impressora em sua colônia (IDEM). Apesar desta repressão, quando a família Real fugiu para o Brasil, chegou portando “as máquinas que iriam dar origem a Imprensa Régia, fazendo surgir o primeiro jornal impresso em território brasileiro” (IDEM). Assim, a “Gazeta do Rio de Janeiro foi fundada em 10 de dezembro de 1808 e publicava documentos oficiais e notícias de interesse da Corte, com linguagem bem parecida com os atuais diários oficiais” (IDEM).

Esta evolução tornou-se mais expressiva, no final do século XIX e início do século XX, quando em “1900 foi feita a primeira ligação radiotelegráfica de 300 km,

entre Cornwall e a ilha de Wight, na Inglaterra” Perles (2007, p. 8, 9). O advento do rádio trouxe grande repercussão, marcando o que ficou conhecido como a nova era da comunicação porque “suas ondas possibilitaram a quebra de uma barreira que subsistiu à tecnologia da impressão: o analfabetismo” (IDEM). Cristalizando o acesso em massa, a uma comunicação mais abrangente.

Segundo Calabre (2003), a potencialidade do rádio brasileiro ganha notoriedade internacional entre as décadas de 40 e 50 do século XX, que ficou conhecida como “era de ouro” do rádio.

Neste mesmo contexto, começa a florir no Brasil a televisão, que segundo Graziano (2009), tem sido um ícone das famílias brasileiras. A priori, foi vista como meio de possibilitar maior acesso comunicativo as famílias, apoiados na crença salvadora do acesso a TV, para o reducionismo do analfabetismo brasileiro, e conseqüentemente maior desenvolvimento econômico do país, tendo em vista estímulo ao consumo. Assim, se tornaria um dos mais poderosos e eficiente meio de comunicação, posto que:

A alfabetização (cultura escrita) é indispensável aos hábitos da uniformidade, em qualquer tempo e lugar. Acima de tudo, ela é necessária para a funcionalidade dos sistemas de preços e dos mercados. Este fator está sendo ignorado exatamente como a TV está sendo ignorada pois a TV engendra muitas preferências que discrepam da uniformidade e da repetibilidade letradas. Levou os americanos a saírem à cata de toda espécie de objetos singulares e bizarros de seu passado armazenado. Muitos americanos já não poupam trabalho nem dinheiro para provar um novo vinho ou um novo prato. (MCLUHAN, 1964, p.363, APUD, GRAZIANO, 2009, P. 2)

Isto mostra, que esta realidade não era bondosa ou maldosa em sua gênese, mas sim, que havia interesses em disputas, que pode favorecer em uns aspectos e não noutros. Mas de qualquer modo, o que o autor salienta é que a TV não deixou de trazer um grande contributo à comunicação. Sobretudo, em meados do século XX, onde o Brasil vivia um momento de grandes mobilizações políticas e econômicas. Diante desta conjuntura, o governo federal passou a ampliar as políticas em torno deste setor. “O Plano de Metas do governo de Juscelino Kubitschek (de 1956 a 1961) revelou a necessidade de um sistema nacional de telecomunicações que facilitasse e agilizasse a difusão de informações, com o objetivo de atingir a esperada “integração nacional”, Carvalho (2006, p. 51). No governo de Jânio Quadros “foi criado o Conselho Nacional de Telecomunicações (CONTEL) e, em seguida, no governo de João Goulart, foi

aprovado e regulamentado o Código Brasileiro de Telecomunicações (CBT)”, (IDEM). Segundo o autor, estava em jogo a própria estabilidade dos militares, portanto, seria necessário interferir nos rumos das telecomunicações.

Assim, com o Golpe de 1964, os militares se debruçaram para que o país tivesse uma moderna infraestrutura comunicativa, visando a segurança do desenvolvimento da nação. Pois até então, o setor de telecomunicação era controlado pelo setor privado Carvalho (2006). Diante disto, em 1965 foi criada a Empresa Brasileira de Telecomunicações (EMBRATEL), para controlar o controle das concessionárias privadas e assumir os serviços nacionais e internacionais das multinacionais, Carvalho (2006). Em 1967 temos a criação dos Ministérios das Comunicações, para substituir a CONTEL (IDEM). Assim, o governo teria maior capacidade de administração da telecomunicação brasileira.

Com a EMBRATEL, amplia-se os serviços de comunicação telefônica a longa distância, embora sua qualidade não era tão eficiente. Para suprir esta limitação, foi criado a Telecomunicações Brasileiras (TELEBRÁS), “vinculada ao Minicom, com atribuições de planejar, implantar e operar o Sistema Nacional de Telecomunicações (SNT)”, Carvalho (2006, p. 52).

Nos anos 70 do século passado, a Minicom, começa a se interessar com as questões da transmissão de dados, desde então a informática começa a ser alastrada no país, de maneira que entre os anos 70 este setor ficou conhecido como “teleinformática”, o que segundo Carvalho (2006) revelava a aproximação cada vez mais real da informática e da telecomunicação.

Estes avanços, foram pouco a pouco se convertendo em serviços disponíveis à sociedade. Não obstante, no presente século o uso da informática e dos telefones móveis acabou sendo temática de grande repercussão dentro da escola. Em alguns casos evidencia-se neste contexto as políticas em torno da utilidade destes recursos como instrumentos didáticos-pedagógicos.

2. 3. Comunicação: oralidade e escrita na escola e os recursos tecnológicos

É consensual que a comunicação sempre esteve presente no contexto escolar. Mas Também é verdade que a dimensão da escrita e da oralidade tem ocupado postos diferenciados no currículo e prática escolar.

O primeiro limite consiste na ideia de produção de texto construído na escola, ao não identificarem a presença da complexidade comunicativa no próprio texto. A cerca disto Leal e Albuquerque (2005), postulam que há uma gama de possibilidades para o desenvolvimento das potencialidades das habilidades leitoras que perpassa a mera (de) codificação gráfica das palavras. É antes um esforço grupal, o qual as autoras classificam em quatro grupos, a saber:

(1) Situação de interação mediadas pela escrita em que se busca causar algum efeito sobre interlocutores em diferentes esferas e participação social [...] (2) situações voltadas a construção e conscientização do conhecimento, caracterizadas, sobretudo, pela leitura e produção de gêneros textuais que usamos como auxílio para organização e memorização [...] (3) situações voltadas para auto-avaliação [...] (4) situação em que a escrita é utilizada para automonitoração de suas próprias ações. (LEAL E ALBUQUERQUE, 2005, P. 65-66, APUD LEAL E MELO 2006, P. 12-13)

Isto implica, em práticas pedagógicas que potencialize as capacidades de aprendizagens de modo a fazer inferências no mundo.

Outra limitação pedagógica no tocante a comunicação, tem sido o fato de limitar a comunicação à escrita. Deixando de fora outros fatores relevantes, como os aspectos extralinguísticos, por acreditar que a “oralidade é aprendida espontaneamente e que, portanto, não necessita ser ensinada na escola; por outro lado, há a concepção de que as pessoas falam bem, ou não, porque são naturalmente aptas, ou não, a falar e que não é possível ensinar alguém a ser um “bom falante” (LEAL E GOIS 2012, P. 7).

2. 4. Uso da tecnologia como recurso didático pedagógico

Diante do avançado avanço tecnológico, sobretudo da internet, computador, notebooks, tablete e celular. Urge como demanda escolar, lidar com estes recursos em sala de aula. Notadamente, esta discussão tem aflorado debates, polêmicas e pesquisas em torno da complexidade comunicativa através destes recursos, e de sua implicação nos ditames pedagógicos.

Diante da complexidade da temática do uso de tecnologias em sala de aula, a UNESCO, publicou em 2013 um guia com dez recomendações, e treze motivos como recurso didático-pedagógico, visando permitir os governos nacionais investirem em políticas públicas que valorize o uso de celulares em sala de aula, Vivian e Pauly (2012), a saber:

As 10 recomendações aos governos:

Criar ou atualizar políticas ligadas ao aprendizado móvel - Conscientizar sobre sua importância - Expandir e melhorar opções de conexão - Ter acesso igualitário - Garantir equidade de gênero - Criar e otimizar conteúdo educacional - Treinar professores - Capacitar educadores usando tecnologias móveis - Promover o uso seguro, saudável e responsável de tecnologias móveis - Usar tecnologia para melhorar a comunicação e a gestão educacional (VIVIAN & PAULY, 2012, P. 4)

Os 13 motivos para tornar o celular uma ferramenta pedagógica:

Amplia o alcance e a equidade em educação - Melhora a educação em áreas de conflito ou que sofreram desastres naturais - Assiste alunos com deficiência - Otimiza o tempo na sala de aula - Permite que se aprenda em qualquer hora e lugar - Constrói novas comunidades de aprendizado - Dá suporte a aprendizagem in loco - Aproxima o aprendizado formal do informal - Provê avaliação e feedback imediatos - Facilita o aprendizado personalizado - Melhora a aprendizagem contínua - Melhora a comunicação - Maximiza a relação custo-benefício da educação (VIVIAN & PAULY, 2012, P. 4, 5).

Estas propostas, visam contribuir para que as escolas, e as políticas públicas educativas no âmbito das tecnologias, superem as dificuldades tecnológicas e ampliem as capacidades de ensino/aprendizagem. Este advento do uso dos recursos tecnológicos em sala de aula, e sobretudo, da comunicação móvel, aumentam primordialmente os desafios da realidade escolar. Assim, as diretrizes curriculares nacionais para o ensino médio postulam que:

Concretamente, o projeto político-pedagógico das unidades escolares que ofertam o Ensino Médio deve considerar: VIII – utilização de diferentes mídias como processo de dinamização dos ambientes de aprendizagem e construção de novos saberes (Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio 4/5/2011 - Projetos Políticos Pedagógicos/Cap. VIII).

Esta postulação, evidencia a necessidade do uso das tecnologias em sala de aula, como um dispositivo no desenvolvimento das potencialidades de novos saberes.

Tecnologias, entendida como um conjunto de recursos disponíveis, como Celulares, notebooks, computadores, MP3, entre outros. A despeito disto, Leopoldo (2004), considera que “As novas tecnologias surgem com a necessidade de especializações dos saberes, um novo modelo surge na educação, com ela pode-se desenvolver um conjunto de atividades com interesses didático-pedagógica”, (LEOPOLDO, 2004, p.13 apud, RAMOS, 2012, p. 7).

Lima (2001), aponta em sua tese, que o interesse sobre o uso de computadores em sala de aula se deu nos E.U.A, por volta dos anos 70 do século XX, embora o número de escolas que usavam no 1º e 2º grau fossem muito limitados.

Ainda segundo a autora, na gênese do uso de computadores como instrumentos para educação estar sustentada “na teoria da aprendizagem de Skinner e sua ideia de condicionamento, onde o aluno é recompensado ou não conforme suas atitudes e decisões” Lima (2001, p. 18). Por isto, que o número de computadores era limitado nas escolas, em função do custo elevado, uma vez que estes computadores de eram de grande porte.

No caso do Brasil, “foi na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1973 que o Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde e o Centro Latino-Americano de Tecnologia Educacional usou o computador no ensino de Química, através de simulações” (IDEM). Ainda neste mesmo ano, a Universidade do Rio Grande do Sul, fez algumas experiências no estudo da física, fazendo simulações. A maioria das universidades brasileiras usavam o microcomputador I 7000, da Itautec, uma vez que possibilitava o uso de caracteres da Língua Portuguesa. No entanto, seu uso ficou restrito a pesquisa (IDEM). Lima (2001), ainda identifica em sua pesquisa, que só em 1975 que Seymour “Papert e Marvin Minsky visitaram o Brasil, e divulgaram a ideia do LOGO” (IDEM), daí decorre-se que um ano depois, os professores começam a usar este programa com crianças.

Ainda assim, o uso de computadores na educação básica brasileira se deu com o surgimento de micromputadores, sobretudo da marca Apple Lima (2001). Onde as “escolas começaram a ter acesso a programas que compreendiam jogos educacionais, simulações, exercício e prática entre outros” Lima (2001, p. 19). Assim, na década seguinte o sistema de informática na educação já estava bem desenvolvido. Todavia, a consolidação do primeiro programa se deu no primeiro Seminário Nacional de Informática, em Brasília, e depois na Bahia (IDEM). Daí derivou-se o EDUCOM.

Depois disto, temos 1986 no Brasil a criação do “Comitê Assessor de Informática na Educação - CAIE/MEC” Lima (2001, p. 20). Em 1988 “foi criado um Programa Nacional de Informática Educativa - PRONINFE, que foi efetivado através da Portaria Ministerial nº 549/GM. O PRONINFE” (IDEM), cuja finalidade consistia em

assegurar a eficácia dos esforços políticos desencadeados sobre a temática até aquela ocasião. Onde pairava uma crença, de que a política nacional de informática deveria estar em comunhão com as diretrizes e com as políticas educativas da área de ciência e tecnologia.

Diante deste panorama de políticas públicas desencadeadas na área da informática na educação, a pesquisa de Lima (2001) sustenta que o uso de computadores na escola é um sinal de renovação do ensino.

Não obstante, o celular tem sido experimentado em algumas atividades por educadores, que visam verificar sua utilidade como recurso pedagógico. Neste sentido foi realizado numa escola do município de Taquara no Estado do Rio Grande do Sul, um projeto com atividades em sala de aula, usando os recursos disponíveis no celular, como Bluetooth, também o uso do aparelho móvel para realização de pesquisa de texto. O objetivo do projeto estava enquadrado nos nortes sinalizados pela UNESCO: a) aprender a conhecer, b) aprender a fazer, c) aprender a viver junto, d) aprender a ser Flôres (2014). A pesquisa sinalizou dentre outras coisas, que o celular é um ótimo instrumento didático por oferecer um conjunto de ferramentas que ampliam as possibilidades de pesquisa, além de motivar os alunos (as) a participarem das atividades.

Outro projeto de natureza semelhante, realizou um trabalho com alunos do Ensino Médio usando o celular. O trabalho resultou na criação do vídeo *fala sério*, segundo Vivian e Pauly (2012), a pesquisa apontou dois resultados: primeiro maior diálogo e liberdade dialógica entre professor e aluno, resultando numa experiência:

Surpreendente não só pela construção e elaboração do documentário, mas também pela análise avaliativa realizada por todos os alunos participantes, indo além do que se esperava quando da apresentação da proposta. Ensinar através do uso de novas mídias parece ser um desafio que cria novos paradigmas em relação à educação e transcende nossas expectativas, motivando o docente a ir sempre mais além (VIVIAN & PAULY, 2012, P. 11).

Destarte, o uso de celular em sala de aula neste projeto tem se constituído num campo de construção e significados relevantes para percepção da relação ensino aprendizagem.

Assim, o uso das tecnologias em sala de aula, tem se constituído a cada dia um campo de debate e de iniciativas, como tem sido no Estado do Paraná que em 2010 elaborou Diretrizes para o uso de tecnologias educacionais. Entendendo, como relevante não só a extensão destes recursos para o treinamento de professores, mas sobretudo, levar a questão para o campo curricular, visando tornar o uso dos recursos tecnológicos, uma possibilidade libertadora. De modo, a possibilitar “animar” e/ou ilustrar a apresentação de conteúdo, o uso das mídias *web*, televisiva e impressa mobiliza e oportuniza novas formas de ver, ler e escrever o mundo.

Ainda acerca das mudanças ocorridas no século XX, Castells (2003) enfatiza que se constituem uma verdadeira revolução, sobretudo, com o avanço das tecnologias, e o avanço gigantesco da internet. Isto tem se convertido numa nova demanda social, posto que segundo o autor, “Nós sabemos que a tecnologia não determina a sociedade: é a sociedade. A sociedade é que dá forma à tecnologia de acordo com as necessidades, valores e interesses das pessoas que utilizam as tecnologias”. Castells (2003, p. 17).

3. Considerações Finais

Este levantamento historiográfico da comunicação ao longo da história, sinaliza um avanço, não linear, do desenvolvimento dos modelos de comunicação oral e escrita. Tanto nos primórdios das organizações sociais como na era da globalização denunciam sua complexidade, suas tensões e intenções políticas e económicas.

Podemos assistir neste processo histórico, que todas as formas de comunicação têm apresentado seu relevo social, uma vez que estas etapas foram cada vez mais, “democratizando” a comunicação e diminuindo os abismos fronteirísticos entre as culturas, ampliando os horizontes das relações sociais. Na época da oralidade, funcionava como forma de relações entre grupos específicos. Na era da escrita, a comunicação passa ser usada dentro de um conjunto de regras. Na era da tecnologia a comunicação tem se tornado cada vez mais democrático, e ao mesmo tempo mais complexos. Cada época histórica, tem exigido que os usuários da comunicação precisam se comunicar bem a fim de enfrentar as mais variadas situações, seja qual for sua especificidade. E que comunicar é um ato não de enunciação de palavras, mas de enunciação de palavras significadas. Fazendo dos significantes, objetos flutuantes, cujos os sentidos vão sendo construído socialmente. No entanto, verifica-se que a escola tem

dado pouca ênfase a comunicação oral, e quando trabalhada, acaba por ser pouco sistematizada. Por acreditar que pelo fato das crianças já irem à escola falando, não precisa mais trabalhar a comunicação falada e sim, a escrita, ao acreditar que a oralidade “é aprendida espontaneamente e que, portanto, não necessita ser ensinada na escola; por outro lado, há a concepção de que as pessoas falam bem, ou não, porque são naturalmente aptas, ou não, a falar e que não é possível ensinar alguém a ser um “bom falante” (LEAL E GOIS 2012, P. 7).

Contrariamente, identificou que há maior valoração da comunicação no aspecto escrito, ou seja, as escolas têm priorizado quase que unicamente a escrita em detrimento da oralidade, que por sua vez, encontra-se restrita a algumas atividades pontuais, ou entregue a lógica do simples fato do ser humano já falar por natureza.

Já no âmbito do avanço dos meios de comunicação, e da tecnologia, identificou-se que, apesar de haver algumas iniciativas positivas, tanto de alguns professores, instituições educativas, estado e até da UNESCO, há ainda pouco uso dos recursos tecnológicos da comunicação como material didático pedagógico no processo ensino aprendizagem.

Portanto, a presente pesquisa sinaliza a importância da comunicação, e dos recursos disponíveis, como um dispositivo que potencializa as habilidades de aprendizagem, e que para tal, precisa-se continuar avançando nas políticas públicas e de inclusão destes recursos tecnológico na contribuição de uma comunicação dialogada entre pessoas de gostos, modos, credos, e posições sociais distintas dentro e fora da escola.

4. Referências

- BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é comunicação**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982. 106 p.
- CALABRE, Lia. A era do rádio – memória e história. ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – João Pessoa, 2003. Anais. Disponível em: <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S22.379.pdf>. Acessado em: 17/03/2016.
- CARVALHO, Marcelo Sávio Revoredo Meneses de. **A trajetória da internet no brasil: do surgimento das redes de computadores à instituição dos mecanismos de governança**. (Dissertação). Universidade Federal do Rio de Janeiro. R.J. 2006. Disponível em: <http://www.nethistory.info/Resources/Internet-BR-Dissertacao-Mestrado-MSavio-v1.2.pdf>. Acessado em: 12/01/2016.
- CASTELLS, M. A sociedade em rede. São Paulo: Editora Paz e terra S/A, 2003.

DIRETRIZES PARA O USO DE TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Diretoria de Tecnologias Educacionais. – Curitiba: SEED – Pr., 2010. - p. – (Cadernos temáticos)

FLÔRES, Cinthia. **A utilização do aparelho celular em sala de aula.** XIV Congresso Internacional de Relações Públicas e Comunicação, Salvador, Bahia. 2014. Disponível em: [file:///C:/Users/Samsung/Downloads/17-celular%20na%20sala%20de%20aula%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Samsung/Downloads/17-celular%20na%20sala%20de%20aula%20(1).pdf). Acessado em: 18/04/2016.

GRAZIANO, Diólia de Carvalho. **Avanços e desafios na tecnologia audiovisual brasileira: caso da IPTV.** VII Encontro Nacional de História, mídia alternativa e alternativa midiática. Fortaleza, 2009.

GONTIJO, S. **O Livro de Ouro da Comunicação.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

GIL, Antônio Carlos. Como classificar as pesquisas. In: GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4ª ed. São Paulo. Atlas. 2002, p. 41-57

LEAL, Telma Ferraz, et al. A oralidade como objeto de ensino na escola: o que sugerem os livros didáticos. In: **__ A oralidade na escola: a investigação do trabalho docente como foco de reflexão/** Telma Ferraz Leal, Siane Gois (organizadora) – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. (Coleção Língua Portuguesa na Escola).

LEAL, Telma Ferraz & SEAL, Ana Gabriela de Sousa. Entrevistas: Propostas de ensino em livros didáticos. In: **__ A oralidade na escola: a investigação do trabalho docente como foco de reflexão/** Telma Ferraz Leal, Siane Gois (organizadora) – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. (Coleção Língua Portuguesa na Escola).

LIMA, Patrícia Rosa Traple. **NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO E A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES NOS CURSOS DE LICENCIATURA DO ESTADO DE SANTA CATARINA.** (Dissertação). Florianópolis, 2001.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da Metodologia Científica.** 5. Ed. São Paulo. Atlas, 2003.

PERLES, João Batista. **Comunicação: conceitos, fundamentos e história.** Biblioteca. On-line de Ciências da Comunicação, 2007. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/perles-joao-comunicacao-conceitos-fundamentos-historia.pdf>. Acessado em: 10/03/2016.

RAMOS, Márcio Roberto Vieira. O uso de tecnologias em sala de aula. **Ensino de Sociologia em debate Revista eletrônica: LEMPIS-PIBID de Ciências Sociais – UEL.**

Artigo apresentado no V Seminário de Estágio do Curso de Ciências Sociais do Departamento de Ciências Sociais. 2012. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/lenpes-pibid/pages/arquivos/2%20Edicao/MARCIO%20RAMOS%20%20ORIENT%20PROF%20ANGELA.pdf>. Acessado em: 18/03/2016.

SANTOS, Miguel Carlos Damasco. **IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO NA EaD VIRTUAL: ENFOQUE CONCEITUAL E DIALÓGICO.** Resende-RJ, 05/2011. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2011/cd/67.pdf>. Acessado em: 21/04/2016.

SOUSA, Jorge Pedro. Elementos da teoria e pesquisa da comunicação e dos media. 2. ed. Porto: Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. 2006. Disponível em:



14 a 16 de setembro de 2016
UNIT - Aracaju-SE

ANAIS | ISSN: 2179-4901

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-teoria-pequisa-comunicacao-media.pdf>. Acessado em: 19/03/2016.

VIVIAN, C. D; PAULY, E. L. O uso do celular como recurso pedagógico na construção de um documentário intitulado: fala sério! **Colabor@ - Revista Digital da CVA - Ricesu**, V. 7, Número 27, fevereiro de 2012. Disponível em: <http://pead.ucpel.tche.br/revistas/index.php/colabora/article/viewFile/195/167>.

Acessado em: 10/04/2016.

ZUIN, A. & PESCE, L. **Razão instrumental, emancipação e formação on-line de educadores**. In: SILVA, Marco *et al* (orgs.). *Educação on-line: cenário, formação e questões didático-metodológicos*. Rio de Janeiro: Walk, 2010